**ESTRANHA LIBERDADE**

ESTRANHA LIBERDADE, espetáculo da N. A. Produções Artísticas, da cidade de Florianópolis, SC, sob a direção de Gringo Starr, impõe-se como excelente pretexto para uma grande discussão, sobre o tema abordado pelo texto de Notli Airam & Ângela Genro, que tem como mote a revelação de um dos personagens sobre sua condição homossexual, para o amigo com quem divide apartamento. A partir desta premissa, o conflito se estabelece, e abre-se um leque de possibilidades de desenvolvimento da ação, aguçando e mantendo a curiosidade do espectador, até o seu desenlace. Mérito do texto, bem estruturado, dramaturgicamente, pela dupla de autores, que se assim não fosse, colocaria em risco o esforço do grupo em sua empreitada. Assim dizendo, parece ser o texto o único ponto favorável do trabalho, o que, em verdade, não o é, como elucidarei na seqüência.

O texto, base de embates e reflexões, foi abordado por Gringo Starr, de maneira realista, beirando quase ao naturalismo, esteticamente falando, no que diz respeito a todos os elementos do espetáculo: a iluminação, o figurino, a sonoplastia e o cenário. A iluminação é mínima, sem lançar mão de efeitos de cores e movimentos aleatórios, pontuada por alguns focos certeiros e eficazes. Há a utilização de blecautes, que, surpreendentemente, funcionam dentro da concepção, dando ao seu visual uma conotação 'vintage', bem de acordo com a proposta, lembrando espetáculos da fase de ouro da dramaturgia nacional, com encenações de obras marcantes de Augusto Boal, Gianfrancesco Guarnieri, Plínio Marcos e outros mestres, que souberam, com parcos recursos e excesso de idéias e criatividade, criar as bases do teatro brasileiro contemporâneo. Os figurinos são cotidianos e adequados. A sonoplastia é fugaz e não invade, como várias vezes acontece, o espaço da encenação. Mantém-se discreta e limpa. Tenho alguns senões relacionados ao cenário, que, porém, de maneira alguma, compromete o trabalho. Minha maior questão neste quesito é com relação à pobreza ilustrada, não condizente com a classe social dos personagens que, embora estudantes, freqüentam uma Universidade particular, possuem carro e outros itens mais, que, a meu ver, são contraditórios com a quase condição de miséria que o cenário evidencia (embora a sua transitoriedade). Mas, porém, em minha opinião, é tudo (com relação ao cenário) explicado, e não justificado.

O trabalho, no entanto, sustenta-se, como esperado pelo argumento exposto, nos ombros de 2 atores muito bem ajustados, com excelente química, 'timing' e jogo de contracenação primoroso. Sinto que o texto peca em 2 passagens, dificultando o trabalho dos atores. A primeira, é quando o amigo que está 'saindo do armário', por assim dizer, fala na voz do autor e não do personagem, fazendo com que Notli Airam, o ator que defende o personagem em questão, assuma, nestas passagens, um tom melodramático, choroso demais. O antagonista, o amigo hetero - interpretado por Alysson Cardoso -, por sua vez, demonstra uma ingenuidade à beira da imbecilidade, por conviver com o outro, numa amizade de 13 anos, sem nunca ter desconfiado da homossexualidade do amigo. E isto em pleno século XXI (no texto não há especificação de época da ação). Esta é, portanto, a circunstância dada. E, mesmo assim, os atores conseguem, do início ao fim, dar verossimilhança a esta situação. Ao personagem (ou à criação do personagem) de Notli Airam, sinto falta de humor, de malícia, de jogo de cintura, no enfrentamento de seu drama particular. Creio que ele se deixa abater por demais, mesmo após a revelação da paixão pelo amigo. O amigo, no caso, está coerente com a proposição dramatúrgica. São mais bem resolvidos, no texto, os seus conflitos pessoais. São mais abertos e expostos.

O clímax é exatamente neste momento decisivo, onde a coragem de assumir-se e revelar-se grita mais alto e explode, não deixando pedra sobre pedra intacta, em seus frágeis alicerces. Após tal cena, o prólogo se sustenta, fluindo bravamente entre os 2 jovens atores, até o desenlace final.

O final, creio, não deveria ser tão amarrado como está. Penso ter o final acontecido momentos antes, deixando em aberto as possibilidades de encaminhamento. Esta é, na verdade, uma opção de direção, a qual respeito e que não compromete a beleza e a objetividade da encenação. Uma beleza crua. E nua, que nos envolve como uma teia, tornando-nos cúmplices e testemunhas deste romance contemporâneo, conduzido com firmeza e ternura, sem cair em tentações de mau gosto e concessões idem, como geralmente acontece, no tratamento de um tema tão delicado, e que, cada vez mais, exige com que cada um de nós o enfrente, com consciência e discernimento. É, ESTRANHA LIBERDADE, com sua despretensão e simplicidade, aquele tipo de espetáculo que não acaba ao apagarem-se as luzes. Ele é levado por nós, para casa, e colocado debaixo do travesseiro, noites a fim, obrigando-nos a refletir sobre a condição humana e, exigindo de nós uma posição definida e consciente com relação as fatos nele expostos, e que estão aí, diuturnamente batendo em nossa porta. Inclusive na do armário.

Antonio Carlos Brunet, junho de 2017.